

# EXPERIÊNCIA: O INSTRUMENTO PARA UM CAMINHO HUMANO

Assembleia Internacional de Responsáveis  
de Comunhão e Libertação

LA THUILE, AGOSTO DE 2009

PASSOS



# **EXPERIÊNCIA: O INSTRUMENTO PARA UM CAMINHO HUMANO**

Assembleia Internacional de Responsáveis  
de Comunhão e Libertação

---

L A T H U I L E , A G O S T O D E 2 0 0 9

**■PASSOS**

Na capa: Vasili Kandinski, *O lago* (1910), Galeria Tretiakov, Moscou  
Tradução: Durval Cordas

## INTRODUÇÃO | JULIÁN CARRÓN

*18 de agosto de 2009, terça-feira, noite*

Não existe nada de que tenhamos mais necessidade, no início de um gesto como o que estamos para começar, a Assembleia Internacional de Responsáveis, que a força do Espírito, essa energia de Cristo, única capaz de mudar, de introduzir a novidade em nossos ossos, em cada fibra de nosso ser.

Todos sabemos o quanto carecemos dessa energia: quanto mais consciência temos da desproporção de nossos recursos, mais conscientes estamos de precisar de algo maior que as nossas intenções e a nossa boa vontade, e por isso urge dentro de nós esse grito ao Espírito, pedindo que a energia de Cristo entre em nossa vida e nos torne disponíveis à graça que o Senhor nos quiser dar nestes dias.

### *Ó vinde, Espírito Criador*

Voltando a pensar no percurso que fizemos este ano e no conteúdo dos Exercícios da Fraternidade, para entender o que sinto ser a maior urgência para todos nós, para o Movimento em todos os níveis, e vendo a situação em que nos encontramos, em que somos chamados a viver a fé, o contexto cultural em que estamos mergulhados, a palavra que não parava de aparecer na minha cabeça para sintetizar tudo isso era “confusão”. Nós pudemos entender alguma coisa da origem dessa confusão quando dissemos, nos Exercícios da Fraternidade, que essa é simplesmente a consequência do desmoronamento de “velhas certezas”, que nos leva cada vez mais a nos sentirmos perdidos<sup>1</sup>. Quantas vezes não nos sentimos assim, sem saber como enfrentar certas coisas ou como viver diante de determinadas situações!

<sup>1</sup> Carrón, J. “*Da fé, o método*”. Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 2009. Trad. Neófita Oliveira e José Maria Almeida. Suplemento de *Passos Litterae Communio-nis* n° 106, julho de 2009, p. 18.

Só se formos capazes de nos ajudar a entender essa situação e a responder à urgência que provoca em nós, é que poderemos ir embora, depois destes dias, com um pouco de clareza, de modo a poder viver melhor tudo o que a vida pede que enfrentemos, e a poder contribuir também para o bem de nossos irmãos homens. Diante da situação em que estamos, todos nos damos conta de que já não nos basta, como tampouco basta a muitos de nossos irmãos, a repetição, por mais justa que seja, de um discurso. Ou, para usar uma expressão de Dom Giussani: a repetição de um discurso correto e limpo. Ele nos dizia, anos atrás: “Transmite-se um discurso correto e limpo, um punhado de regras sobre como sermos cristãos e homens. Mas, sem amor, sem o reconhecimento do Mistério vivificante, o indivíduo se extingue e morre. A nossa esperança, a salvação de Cristo, não pode ser algo que lemos e sabemos repetir muito bem. Um discurso mais ou menos edificante ou moralista, é a isso que se reduz muitas vezes o anúncio”<sup>2</sup>.

Nós mesmos sabemos disso: não basta saber o que é o casamento, para que se sustente; não basta saber o que é o trabalho, para que não se transforme num túmulo; não basta saber que as circunstâncias são uma oportunidade, para que não se tornem uma derrota... Tudo isso já não nos é suficiente, e nós sabemos: esse dualismo não responde à verdadeira necessidade que temos! Nós já repetimos muitas vezes a coisa certa, mas não é isso que nos mantém de pé, não é isso que nos faz respirar.

Precisamos ter diante de nós pessoas que, em sua postura, na maneira de enfrentar a realidade, de reagir diante das provocações da vida, introduzem uma luz, uma clareza em meio à confusão, no modo como vivem os afetos, o trabalho, as circunstâncias. Dizemos que é aí, na maneira de enfrentar os desafios cotidianos, que verificamos se temos algo que nos ajuda a viver, que nos dá um gosto mais intenso da vida, ou se estamos desarmados como todos os outros. Precisamos de homens que encarnem em sua vida uma possibilidade real de viver a vida humana como homens, hoje.

<sup>2</sup> Giussani, L. *Un caffè in compagnia*. Conversazioni sul presente e sul destino. Milão: Rizzoli, 2004, pp. 173-174.

Quando nos encontramos diante de algumas pessoas como essas, é como se esse sentimento de estarmos perdidos, essa confusão começasse a ser vencida: essas pessoas começam a ser companhia para nós mesmo quando vivem longe; tornam-se realmente uma companhia real.

A razão disso é o que Dom Giussani sempre nos ensinou, e que repetiu numa das últimas entrevistas, que concedeu ao *Corriere della Sera* no dia de seu último aniversário: “Em primeiro lugar, seria preciso corrigir a maneira como a fé normalmente é concebida. Todo o início novo da experiência cristã – e portanto de toda e qualquer relação – não é gerado de um ponto de vista cultural, quase como se fosse um discurso que se aplica às coisas, mas acontece como experiência [como experiência: são as pessoas que em todos estes anos temos chamado testemunhas]. O início da fé não é uma cultura abstrata, mas algo que vem antes: um acontecimento. A fé é tomada de consciência de algo que aconteceu e acontece, de uma coisa nova da qual parte tudo, realmente. É uma vida, não um discurso sobre a vida”<sup>3</sup>. Uma vida que vemos ser vivida bem à nossa frente, que vemos respirar diante de nós, nas circunstâncias, na trama normal da existência.

Mas nem a testemunha é suficiente. A testemunha nos mostra uma real possibilidade mais humana de viver nas circunstâncias a que somos chamados, e por isso nos impressiona; mas não é suficiente, pois cada um de nós (eu, você) precisa que isso aconteça em sua vida, nas circunstâncias que é obrigado a enfrentar, ou seja, precisa fazer a experiência pessoal daquilo que a testemunha mostra. Para que se torne meu! Precisamos da evidência em nossa própria experiência, pois cada um de nós tem de enfrentar pessoalmente as circunstâncias, a vida, e precisa ver, ali, que a vida pode ser vivida de um outro modo, que a confusão pode ser derrotada, que a morte não é o destino de todas as circunstâncias. Do contrário, afundamos nas circunstâncias e usamos as frases de Dom Giussani como um epitáfio em cima do nosso túmulo... Foi o que

<sup>3</sup> Vecchi, G. G. “Io e i ciellini. La nostra fede in faccia al mondo”. In: *Corriere della Sera*, 15 de outubro de 2004.

eu vi, por exemplo, na maneira como muitas vezes ouvi falar da passagem dos Exercícios da Fraternidade que fala das circunstâncias (“As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação, da missão a que nos chama”<sup>4</sup>): todos repetem isso, mas quantas vezes vocês viram e ouviram, documentado, que as circunstâncias foram realmente fator essencial do crescimento do eu, da possibilidade do respiro da vida, e não apenas um lamento, o túmulo em que pomos essa frase, como um epitáfio? Porque, se não fizermos experiência disso, nos tornaremos cada vez mais céticos. É preciso que eu possa ver na minha experiência a evidência da verdade: não me basta a experiência da testemunha, tenho de fazer experiência, eu, em primeira pessoa; preciso que aconteça para mim.

Fiquei impressionado, ao reler nestes dias algumas páginas de *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, um dos livros que transcrevem os encontros de responsáveis dos universitários que publicamos nos últimos anos, com a insistência de Dom Giussani sobre esse ponto, já em 1980, quando afirma que, se não me esforço para verificar o que intuo e pre-sinto como um valor a partir do testemunho de um outro, cedo ou tarde vou embora; se não vejo isso reacontecer em mim, se não me empenho em verificá-lo, em fazer experiência disso, de verdade, cedo ou tarde não me interessa. E Dom Giussani insistia numa de suas preocupações fundamentais, de que a vida se torne realmente um caminho e tudo sirva para a certeza, para alcançar cada vez mais uma certeza que faça a vida crescer: “A pessoa, aos sessenta anos, pode ter provado de tudo o que pode ser provado, mas nem por isso é necessariamente uma pessoa ‘experimentada’; a experiência é a capacidade de comparação com o ideal. Do contrário, não fazemos experiência de nada, temos a atitude característica de tantos e tantos velhos, cheios de um vazio, de nada”<sup>5</sup>.

O que eu desejo para mim e para cada um de nós é que não acabemos por nos ver velhos vazios. E a única possibilidade disso

<sup>4</sup> Giussani, L. *L'uomo e il suo destino*. Gênova: Marietti, 1999, p. 63.

<sup>5</sup> Giussani, L. *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*. Milão: Bur, 2007, p. 148.

é fazer experiência do que dizemos, para que a vida não passe em vão. Ouçam que correção Dom Giussani já fazia em 1980: “Até hoje, dissemos: ‘Da experiência para o juízo’. Proponho que essa fórmula seja substituída pelo *slogan*: ‘Passemos de fazer o Movimento para a experiência do Movimento’. Dizer ‘passemos de fazer o Movimento para a experiência’ coincide com tudo o que temos dito a respeito da personalização. Fazer o Movimento deve-se tornar experiência minha e sua [o que o consome incessantemente é que essa experiência se torne nossa, minha e sua!]: o ponto-chave dessa passagem é o juízo. De fato, como acontece essa passagem? Quando tudo o que fazemos é invadido pelo confronto ideal, ou seja, por um juízo. [...] Pois é o juízo que torna experiência uma coisa que fazemos. [...] Que significa julgar? Significa comparar o que fazemos com o ideal que reconhecemos. Deixar que o que fazemos seja invadido pelo ideal, pela consciência do ideal. Como isso acontece? Acontece quando o ideal é como um peso, no sentido do peso específico de um metal. É um peso, uma memória, um gosto que a pessoa traz em seu íntimo quando beija uma menina ou quando fica de olho numa coisa no supermercado que poderia roubar, quando volta para casa e o pai e a mãe estão brigando ou quando faltam dez dias para a prova final e fica o dia inteiro em cima dos livros. [...] É preciso seguir pessoas vivas. O que é uma pessoa viva? Uma pessoa viva é alguém que, sabendo ou não, conscientemente ou não, traz em seu íntimo esse peso [esse gosto]”<sup>6</sup>.

Ao longo de todo este ano, a Escola de Comunidade, as circunstâncias que tivemos de enfrentar, os Exercícios da Fraternidade estiveram bem diante de nós como um peso específico, como um gosto que nos foi comunicado: que experiência fizemos disso? Estamos aqui para nos ajudar a julgar, a entender mais, a dar testemunho uns aos outros dessa experiência, para que esse gosto se incremente, para derrotar juntos essa confusão, não acrescentando palavras a palavras, mas dando testemunho dessa vitória, desse gosto que Cristo introduz na vida. Pois, se isso não se torna real-

<sup>6</sup> Id., *ibid.*, pp. 149-150.



mente experiência, nós não crescemos na certeza da fé, a fé não chega a ser para nós aquele conhecimento verificado na experiência que introduz uma novidade em qualquer coisa que vivamos.

Portanto, estes dias são dias de trabalho, de trabalho pessoal, de trabalho entre amigos, de trabalhar juntos. Seria um pecado desperdiçar tudo isso. O tempo é todo de trabalho e é todo livre, porque estamos aqui para que se torne cada vez mais nosso aquilo que dizemos.

*20 de agosto de 2009, quinta-feira, manhã*

## 1. A REDUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Que ajuda impressionante a Igreja dá a cada um de nós a cada instante! Bastaria estarmos presentes diante do que acontece, daquilo que dizemos, para que aprendêssemos uma outra maneira de nos relacionar com a realidade, um outro olhar para a experiência. Pois todas as dificuldades que apareceram, que agora vamos enfrentar, são desafiadas pelo testemunho que os profetas deram ao longo da história, que a Igreja nos reapresenta todas as manhãs, para arregalar os nossos olhos de modo que vejamos a realidade tal como é.

Vejam só – não sei se vocês se deram conta –, quando lemos hoje de manhã o cântico do profeta Oseias, em que dissemos: “Quando Israel era um menino, eu o amei e do Egito chamei meu filho. Mas, quanto mais eu os chamava, tanto mais eles se afastavam de mim. Eles sacrificavam aos baals e queimavam incenso aos ídolos. Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar; eu os tomei em meus braços [era isso que me interessava: não é que não fossem boas pessoas; é que não aderiram], mas não reconheceram que eu cuidava deles [não é que não estivessem diante dos fatos, como nós estamos diante dos fatos, mas não entendiam que Ele cuidava deles]! Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor; eu era para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava”<sup>7</sup>. Mas: “Meu povo está obstinado em sua apostasia [ou seja, não submetiam a razão à experiência, já que não entendiam]. Chamam-no do alto, mas ninguém se levanta [é como se acabassem metidos numa armadilha e ninguém levantasse o olhar para perceber tudo o que havia naquilo que estavam vivendo; e, não levantando o olhar, não olhando bem, não entrando a fundo no que estavam vivendo, não

---

<sup>7</sup> Os 11,1-4.

entendiam, e por isso a realidade última continuava estranha para eles, o fundo último que se tornava presente naqueles gestos continuava desconhecido; e qual é esse fundo último?]. Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim, entregar-te, ó Israel? Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se”<sup>8</sup>. O fundo último da experiência que faziam é esse, mas eles não compreendiam que Ele cuidava deles.

Se tomarmos a canção de Adriana Mascagni, é a mesma coisa. Todos nos levantamos hoje de manhã, e cada um pode fazer a comparação do que diz a canção com o que aconteceu desde a hora em que acordou até o momento em que chegou aqui. “Deus, pra mim olho e eis que descubro: não tenho rosto. Olho no fundo e vejo o escuro que não tem fim. E só quando percebo que Tu és...”<sup>9</sup> Não é que não exista, existe; mas, da forma como olhamos para nós mesmos, não temos consciência disso: eu não me dou conta de que Tu estás presente, e, sendo que isso me falta, não renasço; como não volto a ouvir tua voz, não renasço. O sinal é que eu renasça. A prova de que não é apenas um gesto “devoto” para mim, mas algo real, é: eu renasço.

Isso apenas para dar dois exemplos de como a Liturgia ou as canções que cantamos nos desafiam constantemente. Mas é como se não fossem capazes de perfurar a crosta com que nós já as reduzimos. Pois o eu que lê ou canta já está reduzido, já vive uma relação com a realidade que o impede de perceber a grandeza do que existe!

Então, a questão é: como é que nos ajudamos a entender tudo o que existe na experiência, de modo tal que o nosso eu renasça? Porque nosso objetivo, meus amigos, não é promover investigações intelectuais; o objetivo desse olhar verdadeiro para tudo, para a realidade, é que o eu renasça.

O problema é que nós realmente temos dificuldade para fazer essa experiência (uma das palavras mais usadas entre nós, mas menos entendidas). Todos usamos a palavra “experiência”, mas, ao

<sup>8</sup> Os 11,7-8.

<sup>9</sup> Mascagni, A. “O meu rosto”. In: *O livro das horas*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2003, p. 225.

lado de uma outra, a palavra “correspondência”, erramos na forma como a usamos, e temos de nos ajudar a penetrar até o ponto em que surgem as reduções, para que comecemos a nos tornar mais conscientes delas. Para entender isso, é preciso partir da experiência, é preciso que nos ajudemos a entender por que a reduzimos, por que a usamos mal, olhando para o que acontece. Do contrário, prevalece a confusão, e a confusão em que vivemos se evidencia justamente na redução que fazemos da experiência, uma redução grave, como sempre nos lembrou Dom Giussani, pois enfraquece ou esvazia o método fundamental do desenvolvimento humano, já que a experiência é o caminho do desenvolvimento da pessoa. Em outras palavras: a experiência é o instrumento que temos em nossas mãos para o nosso desenvolvimento, para o nosso crescimento; mas, se nós o usamos mal ou o reduzimos, tudo o que acontece na vida é inútil, é estéril, não serve, não incrementa o nosso eu, não desenvolve a nossa pessoa. Como dizíamos na introdução: a pessoa pode se tornar velha e vazia mesmo tendo vivido muitas coisas, se não fez experiência.

Como já contei muitas vezes, essas coisas eram palpáveis para mim quando eu era professor no segundo grau. De manhã, nas aulas, os alunos enchiam a lousa de perguntas; e à noite, quando eu me encontrava com os adultos, ainda me lembro de um que poderíamos definir um homem “de experiência”, entre aspas, porque já tinha girado o mundo todo, não tinha passado a vida inteira fechado na cozinha, mas tinha feito de tudo. E eu ficava surpreso com o fato de que ele tivesse as mesmas perguntas que os jovens tinham, como se nada lhe tivesse acontecido na vida. Mas os jovens tinham a vida inteira pela frente, enquanto esse outro estava ali, depois de ter vivido tantas coisas, como se tudo tivesse sido inútil para responder às perguntas da existência. Você estão vendo? Não são expressões que Dom Giussani usa de um modo abstrato; você acaba por encontrá-las bem na sua frente, nos rostos concretos de pessoas realmente perdidas, depois de anos de uma vida “intensa”. Por quê? Por uma redução da experiência: se o método da experiência é enfraquecido, tudo o que acontece é inútil,

e cresce a confusão, cresce o sentimento de estarmos perdidos ou, pior ainda, nossa cabeça fica repleta de conteúdos impostos pelo poder. “A definição das palavras mais importantes da vida, se for determinada pela mentalidade comum, assegura a escravidão total, a alienação total.”<sup>10</sup> Nós não estamos isentos disso.

E quais são as reduções da experiência? Nós o vimos nestes dias, quase podemos dizer espontaneamente, sem uma consciência adequada. Muitas vezes, para nós, a experiência é reduzida simplesmente ao impacto que as coisas provocam em nós: contamos fatos, mas tudo fica na mesma, e depois não sobra mais nada. Isso porque geralmente, também entre nós, a experiência é identificada com a soma dos “impactos”, a quantidade de momentos vividos, os choques ou as “impressões que tivemos” – que são todas coisas reais (não é que não sejam reais); falamos de coisas reais e por isso muitas vezes pensamos que estamos percorrendo o caminho que propomos, pois ninguém está fazendo abstrações, mas conta fatos reais; nesse sentido, até demos alguns passos, graças a Deus, mas continuamos na mesma! –, ou identificamos a experiência com as emoções subjetivas, as “repercussões sentimentais”<sup>11</sup>. A experiência, para nós – ou, melhor dizendo, aquilo a que nós chamamos experiência –, ou é cega (experiência como sinônimo de mero provar), mecânica (simples sensações sem inteligência, sem juízo: redução empirista), ou é “subjetiva” em sentido pejorativo, ou seja, algo sentimental, o subjetivo em oposição ao objetivo, como se disséssemos “eu sinto que...” e isso se tornasse a medida daquilo que nos acontece (redução subjetivista: o motivo da “suspeita” ou da acusação de “modernismo”): *tot capita tot sententiae*. Assim, hoje, estamos tão saturados de emoções quanto pobres de experiência.

A incompreensão da palavra “experiência” fica evidente na forma como costumamos opô-la a “juízo” (ou “conhecimento”): onde está uma não está o outro, são alternativos. É o sinal mais claro de que estamos confusos quanto a um ou ao outro termo. Assim, muitas

<sup>10</sup> Giussani, L. *O senso religioso*. Trad. Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 126.

<sup>11</sup> Cf. Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*. Trad. Neófita Oliveira e Giovanni Vecchio. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 185.

vezes, se para nós a experiência é reduzida a essa espécie de impacto, de choque mecânico, o juízo nos parece algo intelectual, quase colado por cima. E justamente por isso muitas vezes sentimos o juízo como algo forçado, como algo que nós impomos à realidade, que nós mesmos criamos. Vejam quantas vezes nos perguntamos por que devemos chegar a dizer “Cristo”: nós O sentimos tão estranho, O sentimos tão externo à experiência, que parece-nos que estamos dando um salto no vazio, de tanto que nos parece algo acrescentado, que não pertence à experiência que fazemos. Transforma-se em algo forçado! E, portanto, em algo intelectual, acrescentado como um chapéu à “experiência”, entre aspas, que fazemos.

Temos à nossa frente estas duas reduções, a do empirismo e a do intelectualismo: a experiência reduzida a empirismo e o juízo reduzido a intelectualismo. Uma concepção intelectualista do conhecimento e do juízo é a outra face de uma concepção empirista-sentimental da experiência. Intelectualismo e empirismo andam sempre de braços dados.

Um de nós, falando numa reunião de responsáveis, observava que o juízo nos parece algo forçado, como se disséssemos: mas, se temos de julgar até as coisas boas, as coisas intensas, isso acaba com o encanto daquilo que vivemos, de certa forma “despoetiza” a experiência, quase como se a arruinasse para nós. Assim, quando as coisas foram interessantes, belas, persuasivas, que necessidade temos de julgá-las? Afinal, ficamos satisfeitos com elas. Muitas vezes, então – como eu dizia –, nossa instigação a julgar parece a daquelas pessoas que só sabem amolar. Vivemos uma coisa boa e mesmo assim temos de julgá-la? Parece-nos, em outras palavras, que realizamos uma operação artificiosa e difícil, que não se cansa enquanto não fuça a origem daquilo que nos aconteceu.

## 2. O JUÍZO COMO CONTRAGOLPE DO SER

Para Dom Giussani, ao contrário, as coisas são, de certa forma, mais simples e mais unidas, porque, para ele (esta é uma das coisas que mais me impressionaram, há muitos anos, e que eu repeti muitas vezes), o juízo não é algo acrescentado, mas o contragolpe

do ser. O juízo não é algo acrescentado, mas acontece ao mesmo tempo que o contragolpe. Não é que primeiro as montanhas lhes provocam uma certa impressão e depois vocês têm de refletir para chegar a dizer que são bonitas: quem aqui fez essa operação mental nestes dias? Ninguém. O que vocês disseram, o que vocês se surpreenderam dizendo foi: “Que bonitas estas montanhas!”, “Que dia lindo!”, foi ou não foi? Cada um pode se comparar com a experiência que fez. Portanto, o juízo, dizer que as montanhas são bonitas (mas isto vale também para as coisas feias, pesadas ou dolorosas), não é uma operação mental artificiosa: acontece ao mesmo tempo. Percebemos a beleza no próprio ato do conhecimento, pois a realidade se faz transparente na experiência, e assim, por se tornar transparente, torna o eu capaz de reconhecê-la, uma vez que a realidade, a beleza, nesse contragolpe do ser, faz o meu eu aflorar de modo tal que eu possa reconhecê-la. Não é que primeiro eu acuso o impacto e depois tenho de ir buscar alguém que me diga se as montanhas são bonitas. Não é que eu não seja capaz de julgar. Será que alguém aqui foi hoje procurar a pessoa que estava guiando o passeio para perguntar, depois do impacto com as montanhas, se eram bonitas ou não? Uma coisa dessas não tem sentido nem no céu nem na terra! Essa simultaneidade está na própria natureza da experiência; tanto é que, se eu não chego a formular esse juízo, não dou a razão de tudo o que estou vivendo naquele momento. Se não digo “são bonitas”, não expresso toda a experiência que estou fazendo, da mesma forma como, se não digo “é feio” diante de algo feio, não expresso toda a experiência de repulsa que o meu eu está fazendo. O juízo não é algo colado por cima, é a lealdade com a experiência que eu faço (pensem em como é correspondente a maneira como cantamos quando estamos juntos).

“Aquilo que caracteriza a experiência é *entender* uma coisa, descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas.”<sup>12</sup> E quando é que eu entendo as coisas? Quando dou a razão de todos os fatores implicados na experiência.

<sup>12</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*. Trad. Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. Bauru: Edusc, 2004, p. 88.

Por isso, quando dizemos que é artificioso, dizemos algo que é contra a experiência. É preciso olhar para essa experiência elementar que fazemos diante da realidade, diante das montanhas, diante do canto, para aprender. Artificiosos somos nós, que não nos damos conta de verdade do que acontece quando fazemos uma experiência. Nós é que somos desleais na maneira de expressar a experiência que fazemos naquilo que realmente vivemos. Respondam-me, por favor: diante destas montanhas, é artificioso dizer que são bonitas? É algo acrescentado? Acusar o contragolpe e tudo o que este desencadeia em nós é artificioso? Não, artificioso é parar naquilo que vimos.

Alguém me contava que numas férias dos universitários do Movimento, durante um passeio, vendo a fila de jovens caminhando em silêncio, uma pessoa que cruzou com eles perguntou: “Quem são vocês, afinal?” “Somos universitários. Estamos aqui de férias.” “Não, não, não, não: quem são vocês?” “Estamos aqui no Vale de Aosta...” “Não, não, não, quem são vocês, mesmo?” “Somos de Comunhão e Libertação.” “Ah! É impressionante vê-los subir em silêncio!” Continuar a perguntar era artificioso para esse senhor? Alguém disse a ele que tinha de fazer esse percurso? Alguém lhe explicou que não existe experiência se não chegamos ao juízo? Não; é que não podia parar naquilo que vira. Artificioso teria sido parar e não perguntar mais.

O que é essa experiência? A comparação extremamente rápida que fazemos daquilo que provamos com as exigências que constituem o nosso coração; e, quanto mais belo ou mais feio é aquilo que vemos, mais fácil é o juízo, mais depressa aparecem todas as exigências e fazemos essa comparação extremamente rápida; e, quanto mais o humano está presente, quanto menos somos pedras, mais fácil é fazer essa comparação extremamente rápida. É simples. Dom Giussani, em sua genialidade, nos descreve um caminho, uma estrada cheia de razoabilidade e ao mesmo tempo de uma simplicidade desarmante; não são necessários percursos estranhos, é algo normal para qualquer um, mesmo para alguém que observa um grupo de jovens num passeio; é a experiência des-



sa comparação extremamente rápida com aquilo com que nos deparamos que faz aparecerem todas as exigências do coração, com toda a sua curiosidade, e que nos leva ao juízo.

É como se Dom Giussani nos tivesse ajudado a tomar consciência, como num vídeo em câmera lenta, de todos os fatores implicados na experiência que fazemos tão velozmente, tão velozmente que não nos damos conta, a ponto de a reduzirmos, pois o contra-golpe de algo desperta todas as nossas exigências de modo tal que com essas exigências podemos julgar de imediato o que temos à nossa frente; mas é tão rápido que não nos damos conta de tudo o que existe. Por isso – como dissemos nos Exercícios da Fraternidade –, o eu, comprometido com aquilo que prova, traz à tona o juízo com essa simplicidade. Devemos olhar – como Dom Giussani sempre nos ensina – para a imediatez da experiência, de modo a ter presentes todos os fatores. Do contrário, de acordo com a moda de cada momento, com o *slogan* do momento, ficamos com um fator ou outro: depois do “juízo”, viria a “contemporaneidade”, depois a “correspondência”... a cada vez uma palavra, mas sem reconhecer todo o conjunto. A genialidade de Dom Giussani é que, em vez de nos explicar como as palavras se juntam, nos faz partir da experiência, em que tudo está unido! Não devemos procurar juntá-las, essas palavras já estão juntas! É mais simples do que nós fazemos. Quanto mais aparecem as exigências diante da realidade, mais a pessoa se dá conta de que Deus é a implicação última da experiência humana (a religiosidade como dimensão inevitável da autêntica experiência).

### 3. A TRAJETÓRIA DA EXPERIÊNCIA

Assim, é inevitável chamar a atenção para o texto que será sempre a obra-prima sobre a experiência, o capítulo X de *O senso religioso*, pois é justamente ali que temos a descrição completa do que é a experiência humana, em que a experiência não é reduzida ao primeiro impacto, mas o primeiro impacto é mostrado como o primeiro passo de um caminho, de uma trajetória, e, para explicar esse primeiro impacto, é preciso chegar ao que nele está implicado, ou seja, a Deus, ao Tu. Mas, se a experiência é isso, perguntemo-nos, amigos: quantas

vezes fazemos realmente experiência? Cada um pode ver, no último mês, na última semana, quantas vezes realmente fez experiência, quantas vezes tomou consciência da realidade segundo todos os fatores envolvidos nesse impacto inicial: dessa forma nos daremos conta de que espécie de redução fazemos da experiência, daquilo a que chamamos experiência, em consequência do que, no fim, não se dá o conhecimento, não chegamos a conhecer. Podemos nos aproximar, mas sempre, no fim, é como um salto no vazio: não é conhecimento, e por isso se torna voluntarista, algo colado por cima, algo que sentimos forçado. E aí começa o dualismo: fica claro que o eu não renasce, que não adquire um conhecimento verdadeiro, não julgo. Portanto, para entender todo o alcance do capítulo X de *O senso religioso* é preciso um eu capaz de reconhecer no contragolpe da realidade tudo aquilo que existe, porque esse capítulo – como eu dizia – é a explicação plena da experiência. Afinal, para Dom Giussani, dizer “eu sou” com toda a consciência significa dizer “eu sou feito” – “Assim, não posso dizer ‘eu sou’ de forma consciente, segundo a totalidade da minha estatura de homem, a não ser identificando o eu com ‘eu sou feito’”<sup>13</sup> –; ou seja, implica Deus. A experiência, assim, não é caracterizada por um acúmulo de impactos, de impressões, de emoções, mas por uma aquisição de conhecimento, por uma descoberta, por uma compreensão do sentido. Sem um aumento de consciência, de conhecimento das coisas e de nós mesmos, não podemos dizer que fizemos experiência. “Daqui surgem tantas inadequadas, ainda que frequentes, acepções da palavra experiência: entende-se por experiência [vejam que na lista que se segue há lugar para todos nós!] a reação imediata perante coisas que são propostas, ou a multiplicação de vínculos por mera proliferação de iniciativas, ou o súbito fascínio ou desgosto pelas coisas novas, ou a afirmação de uma elaboração ou de um esquema próprios, ou uma lembrança do passado que não revive como valor do presente, ou até mesmo um acontecimento citado para bloquear uma aspiração ou para mortificar ideais.”<sup>14</sup> É como se Dom Giussani tirasse uma fotografia, não para que nos fustigue-

<sup>13</sup> Giussani, L. *O senso religioso*, cit., p. 151.

<sup>14</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*, cit., p. 89.

mos com o que a foto revela, mas para que aprendamos. O que me interessa é chegar até o ponto em que ficamos emperrados, pois, se não entendemos isso, não fazemos um caminho humano e, no final, usamos as palavras com um significado que não vem da experiência que fazemos, mas do poder.

“Sem uma capacidade de avaliação, o homem não pode fazer nenhuma *experiência* [se não há realmente conhecimento, eu não faço experiência]. [...] A experiência coincide, certamente, com ‘provar’ alguma coisa, mas coincide sobretudo com o juízo dado a respeito daquilo que se prova.”<sup>15</sup> Vejam que são frases que já repetimos muitas vezes, mas há ainda muito que aprender. Em *O caminho para a verdade é uma experiência*, Dom Giussani nos lembra ainda como “em uma autêntica experiência são empenhadas a autoconsciência e a capacidade crítica (capacidade de verificação!) do homem”<sup>16</sup>. O contrário de um simples mecanicismo! A autoconsciência.

#### 4. A PROVA DA EXPERIÊNCIA: DAR-SE CONTA DE ESTAR CRESCENDO

Se a experiência é um provar julgado, ou seja, julgado segundo os critérios originais e objetivos imanentes à nossa estrutura humana – como dissemos nos Exercícios da Fraternidade –, o que é que nos permite verificar – perguntávamos ontem – que um juízo foi emitido, ou seja, que aconteceu a passagem do provar para a experiência? O que me permite verificar que fiz realmente uma experiência? Qual é a prova de que fizemos uma experiência? Vejam o que Dom Gius diz: a prova de que algo é uma experiência é que esse algo me faz crescer. “A pessoa, antes, não existia; logo, aquilo que a constitui é um *dado*, um produto de *outro*. Essa situação original se repete em cada nível do desenvolvimento da pessoa [eu sou já um dado-por, dado-por-um-outro]. O que provoca o meu crescimento não coincide comigo, é outra coisa que não eu. [Então, o que é a experiência?] *Concretamente, experiência é viver aquilo que me faz crescer* [é aquilo que desenvolve a minha pessoa,

<sup>15</sup> Giussani, L. *O senso religioso*, cit., p. 23.

<sup>16</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*, cit., p. 185.

é o incremento do eu de que falávamos ontem]. A experiência realiza, portanto, o crescimento da pessoa por meio da valorização de um relacionamento objetivo.”<sup>17</sup> Nota de rodapé: “A ‘experiência’ caracteriza o fato do *dar-se conta de crescer*”<sup>18</sup>.

Dar-se conta de crescer. Logo, não basta que continuemos a contar fatos, porque podemos contar fatos e mais fatos e não crescer, não nos dar conta de que estamos crescendo, e isso fica claro pelo fato de estarmos perdidos diante das questões que aparecem, uma vez que não fazemos uma verdadeira experiência. A experiência não é apenas contar coisas, fatos: a experiência caracteriza o fato de dar-se conta de crescer. “Por isso, não é experiência se o homem, nela, não percebe estar ‘crescendo.’”<sup>19</sup> Em outras palavras, não é experiência se não há crescimento, incremento, realização das dimensões que qualificam um eu, a sua relação com a realidade, o conhecimento de si e das coisas (consciência e certeza do significado), a capacidade de adesão e de manipulação criativa.

## 5. O TRÍPLICE FATOR DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

Temos consciência e certeza de que fazemos uma experiência quando se dá esse incremento da pessoa. A alternativa a esse incremento do meu eu é acabar por dar comigo mesmo velho e vazio. É isto que está em jogo nessa questão: ou um caminho humano que nos leva cada vez mais a participar da aventura do conhecimento, com tudo o que implica, ou o vazio, o nada, e por isso o tédio. Não se trata de romper o “encanto”, mas de não perder a possibilidade de “encanto” para sempre. Pois aquilo a que nós chamamos “encanto” é o aspecto mais fugaz, que logo se desvanece. Assim, muitas vezes – como dissemos nos Exercícios da Fraternidade –, vimos coisas extremamente bonitas, mas, um segundo depois, quando aparece a dificuldade, tudo se desvanece, tudo. É como se nós – como dizia o profeta Oseias – não entendêssemos. E o que deixa claro que não entendemos? O fato de que, depois, pensamos que se desvanece.

<sup>17</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*, cit., p. 87.

<sup>18</sup> Id., *ibid.*

<sup>19</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*, cit., p. 183.

Por não percebermos, não julgarmos, não entendermos o que é a experiência que fazemos – de fato, no conhecimento, para nós, não está implicado o Mistério –, pensamos que se desvanece. Mas isso não é porque não somos capacitados ou porque não somos realmente bons, não: acontece por uma falta de conhecimento.

Tudo o que dissemos até agora – que é verdade para a experiência em geral, a começar pelo acontecimento como fator gerador da experiência – é verdade em máximo grau para a experiência cristã: “A experiência cristã e eclesial emerge como unidade de ato vital [unidade de ato vital, em primeiro lugar: é impressionante a capacidade que Dom Giussani tem de captar as coisas em seu momento de origem e depois tomar consciência de tudo o que está implicado nesse ponto de origem, nessa unidade de ato vital (pensemos no encontro)] resultante de um tríplice fator:

a) O *encontro* com um fato objetivo originalmente independente da pessoa que faz a experiência; fato cuja realidade existencial [desde o caso dos apóstolos] é a de uma comunidade sensivelmente documentada, assim como acontece com qualquer realidade integralmente humana; comunidade para a qual a voz humana da autoridade, nos seus juízos e indicações, constitui critério e forma [é assim que Dom Giussani descreve a objetividade do que eu encontro: algo independente da pessoa]. Não existe versão da experiência cristã, por mais interior que seja, que não implique, pelo menos em última instância, esse encontro com a comunidade e essa referência à autoridade”<sup>20</sup>. Trata-se de uma precedência absoluta dada à realidade. Dom Giussani falava do impacto com algo exterior, como o impacto dos discípulos com Algo fora deles, o encontro com Jesus: “*O deparar-se da pessoa com uma diversidade humana, com uma realidade humana diferente*”<sup>21</sup>. Não tomemos por óbvio esse impacto, pois, como um dos responsáveis pelo Movimento na Itália me contou a respeito de si mesmo, nós às vezes pensamos: “Ah! O encontro: já sei”, e então escorregamos, passan-

<sup>20</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*, cit., p. 90.

<sup>21</sup> Giussani, L. “Algo que vem antes”. Trad. Durval Cordas. In: *Passos Litterae Communionis*, nº 100, dezembro de 2008, p. 1.

do a falar de outras coisas, todas verdadeiras, mas pulando esse deparar-se, esse impacto. É esse primeiro impacto com a realidade que nós pulamos sempre; cada um de nós poderia reconhecê-lo em si mesmo. Portanto: não podemos permiti-lo nem por sonho como método, nem por sonho! Afinal, uma pessoa pode até ter percorrido um caminho, mas depois, quando o explica, uma vez que não se deu conta de estar crescendo, conta-o já reduzido, mudando suas características: a experiência era verdadeira, sem tirar nem pôr, mas nós a explicamos, a contamos, a refletimos de uma outra forma. Isso significa que não houve a percepção de crescer.

“b) O poder de perceber adequadamente o significado desse encontro [e isso se dá – diz Giussani – na unidade do ato vital, não numa percepção que temos disso em seguida]. O valor do fato com que a pessoa se depara transcende a força de penetração da consciência humana, requer também um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. Com efeito, o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão [atenção!] exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé*”<sup>22</sup>. A graça da fé é esse acontecimento que tenho à minha frente, com que estou envolvido nesse ato vital, em que a Presença exalta a minha capacidade cognitiva, para ajustar a agudeza do olhar humano a essa realidade excepcional que tenho à minha frente, para captar seu significado. É impressionante. Chama-se “graça da fé”, que não é uma coisa que cai de não sei onde: a graça é essa Presença, é essa contemporaneidade de Cristo hoje, que está numa realidade humana, numa diversidade humana; tem a capacidade de exaltar a minha capacidade cognitiva, amplia a razão para adequá-la a essa excepcionalidade que tenho à minha frente e poder captar o significado dessa excepcionalidade; pois, sem captar o significado dessa excepcionalidade, eu não entendo o que é o encontro. E, uma vez que não o entendemos, depois quase nos dá vontade de que desapareça, pois não compreendemos o que encontramos.

<sup>22</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*, cit., p. 90.

“c) A *consciência da correspondência* entre o significado do Fato com o qual a pessoa se depara [ou seja, da Presença excepcional que eu percebo] e o significado da sua própria existência – entre a realidade cristã e eclesial e a própria pessoa –, entre o Encontro e o próprio destino. É a consciência de tal correspondência que verifica aquele crescimento de si, essencial ao fenômeno da experiência [humana]. Também na experiência cristã, aliás, muito mais nesta, fica claro como numa autêntica experiência estejam empenhadas a autoconsciência e a capacidade crítica do homem, e como uma experiência autêntica esteja bem longe de identificar-se com uma impressão que se teve ou com a redução a uma repercussão sentimental. É nessa ‘verificação’ que, na experiência cristã, o mistério da iniciativa divina valoriza essencialmente a razão do homem [exalta a capacidade cognitiva do homem]. E é nessa ‘verificação’ que se demonstra a *liberdade* humana: porque o registro e o reconhecimento da correspondência exaltante entre o mistério presente e o próprio dinamismo do homem não podem acontecer senão na medida em que está presente e viva aquela aceitação da própria dependência fundamental, do próprio essencial ‘ser feito’, na qual consiste a simplicidade, a ‘pureza de coração’, a ‘pobreza de espírito’. Todo o drama da liberdade está nessa ‘pobreza de espírito’: e é drama tão profundo a ponto de acontecer quase furtivamente.”<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Id., *ibid.*, pp. 90-91.

22 de agosto de 2009, sábado, manhã

1. Nem toda a confusão ou todo o sentimento de estarmos perdidos que trazemos por dentro pode derrotar a beleza do que ouvimos e vivemos nestes dias; tanto é, que estivemos totalmente tomados ante a imponência da beleza. E toda a possibilidade de esperança que temos é de que isso reaconteça, que reaconteça sempre algo que possa vencer essa confusão e esse sentimento de estarmos perdidos, pois – como dissemos – toda a confusão e todo o sentimento de estarmos perdidos têm uma razão de ser: a falta de juízo, a experiência reduzida apenas a prova e a uma simples reação diante do que provamos. Por que prevalece sempre em nós essa falta de juízo, apesar das muitas experiências de libertação, como a que vivemos neste dias? Digo-o logo: por uma falta de método.

Fiquei marcado para sempre por um episódio que me aconteceu na casa de uma amiga, professora de Barcelona, em que encontrei duas moças do último ano da graduação. Perguntei a elas: “Agora que vocês estão terminando os estudos, têm a respeito da matemática alguma certeza que podem comunicar?” Elas me responderam sem pestanejar: “Sim”. “E a respeito da vida?”... Caladas, ficaram caladas. Não é que não tivessem vivido, pelo contrário, tinham vivido muito mais que todas as aulas de matemática que tinham tido; mas qual é a diferença? Que, na matemática, tinham aprendido um método que permitia construir aos poucos um conhecimento suficiente para, no final de um percurso, poderem ter certezas a comunicar; mas, a respeito da vida, não, ninguém tinha posto em suas mãos um instrumento para fazer o percurso, para chegar a essa certeza. Por isso, em sua tenra idade começavam já a se tornar velhas e vazias, pois tudo o que lhes tinha acontecido não as tornava pessoas cheias de certeza.

Assim, diante da pergunta: “É possível vencer a confusão ou temos de nos resignar a viver perdidos?”, a decisão que devemos tomar é se queremos percorrer um caminho, de modo tal que tudo o



que vivemos se torne realmente experiência, ou se nos contentamos com qualquer uma das reduções de que falamos nestes dias. Vemos entre nós, é algo palpável, que é inútil repetir um discurso, por mais correto que seja, que não basta uma “lógica de grupo” (como dizia Dom Giussani no último livro que transcreve os encontros com os responsáveis dos universitários publicado<sup>24</sup>). Precisamos fazer uma experiência pessoal. Mas o que impressiona, amigos, é que essa era a convicção de Dom Giussani desde a primeira aula: “Desde a minha primeira aula, eu sempre disse: ‘Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu lhes direi. E as coisas que lhes direi são uma experiência que é o resultado de um longo passado: dois mil anos’”<sup>25</sup>. Tinha consciência, desde o início, de que não bastava nem mesmo toda a imponência da sua pessoa, do seu testemunho: era preciso pôr o eu em movimento, para que ele mesmo pudesse julgar, desde o primeiro instante. Num jovem que ouve isso, o que acontece é a exaltação do sujeito. Exatamente o contrário da eliminação do eu para exaltar um certo mecanicismo ou simplesmente o fato de pertencer a um grupo; é levar a sério o sujeito, de modo tal que este possa ter em suas mãos um método que permita julgar o que é proposto. E Dom Giussani prossegue: “O respeito a esse método caracterizou, desde o início, o nosso empenho educativo, indicando com clareza o seu objetivo: mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida [eis o porquê da insistência sobre o julgar]. Pela minha formação na família e no seminário, primeiro; posteriormente, pela minha meditação, estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé capaz de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário [...]. Mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida e, portanto – este ‘portanto’ é importante para mim –, demonstrar a racionalidade da fé implica um conceito preciso de racionalidade. Dizer que a fé

<sup>24</sup> Giussani, L. *Qui e ora (1984-1985)*. Milão: Bur, 2009, pp. 269-337.

<sup>25</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*, cit., p. 16.

exalta a racionalidade quer dizer que a fé corresponde às exigências fundamentais do coração de todo homem. Com efeito, a Bíblia, no lugar da palavra ‘racionalidade’, usa a palavra ‘coração’<sup>26</sup>.

Desde a primeira aula... É impressionante ouvir isso de novo, depois de anos, depois do que vimos nestes dias. Dom Giussani tinha consciência de que, se não conseguisse pôr o eu em movimento, tudo teria sido inútil; tinha consciência de que a testemunha não é suficiente, mas que a prova de sua grandeza é a capacidade de pôr o sujeito em movimento, ou seja, a razão e a liberdade. Tudo o que queria naquela época – e quer de nós hoje – era justamente o renascimento do eu em cada um de nós, pois Cristo veio justamente para isso, para que o nosso eu renasça. Era a sua constante, quase obsessiva paixão: que tudo aquilo com que nos envolveu se torne nosso. E o ponto-chave é o juízo; é o juízo que torna experiência uma coisa que fazemos.

Mas vimos como temos dificuldade para compreender o que é a experiência e o que é o juízo. Nós sempre dizemos “juízo”, sem nos dar conta de que o estamos dando; por exemplo, não nos damos conta de que dizer “nem isso me basta” é um juízo, ou seja, implicou uma comparação, por mais rápida que tenha sido, entre algo que nos aconteceu e o nosso coração. E, se eu não me dou conta disso, é inútil para a vida. Dizer “vi um homem contente” é, também, um juízo; e dizer “isto corresponde finalmente às exigências do meu eu” é, mais uma vez, um juízo. Nem mesmo nos damos conta de que estar aqui exigiu uma miríade de juízos! Essa redução da experiência, em pleno andamento, nós a vemos, é palpável.

2. Se é assim, temos alguma chance? Temos uma chance, amigos, existe uma chance: partir da experiência. Olhemos juntos – como dissemos há um minuto – para a experiência que vivemos nestes dias. Toda a confusão não foi capaz de evitar que reconheçêssemos a beleza das montanhas, ou dos cantos, ou dos testemunhos, ou a imponência de certos gestos. Nada. Parece pouco dizer isso, mas é muitíssimo, é uma fenda que se abre na confusão: a

<sup>26</sup>Id., *ibid.*, pp. 16-17.

confusão pode ser vencida, e em alguns momentos, nestes dias e neste ano, nós vivemos essa vitória. Não assistimos apenas a determinadas palestras ou a certas coisas, a uma série de iniciativas com que preenchemos o tempo: vivemos a experiência dessa vitória sobre a confusão. É possível fazer uma experiência que tenha em seu âmago o juízo de reconhecimento a que nós podemos aderir, como aderimos a algo verdadeiro. Pois o juízo – como vimos – não é uma coisa intelectual, para pessoas que complicam a vida, mas é o reconhecimento do que temos bem à frente dos nossos olhos, até a sua implicação última; é a forma humana de relação com a Presença que nos sobrevém. O juízo é uma resposta, é o acontecimento da resposta à provocação da Presença, é a maneira como a razão capta o significado da realidade. Por isso, a falta de juízo equivale à falta do eu, do meu olhar, da minha consciência, e por conseguinte não há conhecimento, apenas reação.

É visível a dificuldade que temos, pois o juízo ainda nos parece um gesto intelectual, que parte do zero, como uma produção autônoma e espontânea do intelecto, não como o contragolpe do ser, que implica desde o início o movimento do eu, despertado pela irrupção de uma outra coisa. E – como vocês podem ver – é essa experiência elementar que nós fizemos nestes dias que Dom Giussani nos propõe. Não é que Dom Giussani tenha algum poço secreto do qual retira as ideias; ele simplesmente é tão leal com a experiência que faz, percebe tão fortemente todos os fatores, é tão homem, está tão presente àquilo que faz, que nos ajuda a reconhecer isso, tanto assim que, se não estivéssemos com ele, provavelmente não tomaríamos consciência do que acontece nesse acontecimento extremamente rápido, nessa unidade. Essa é a companhia que Dom Giussani continua a ser para nós. Mas o que Dom Giussani nos diz é a explicitação, é o momento em que ele toma consciência, e portanto nós também, daquilo que acontece, daquilo que todos experimentamos, se partimos da experiência.

Assim, tenho-me dado conta cada vez mais nestes últimos meses, nos diversos encontros, de que existe uma confusão entre a intenção de seguir e o seguimento real de Dom Giussani. Todos temos a boa

intenção de seguir (até estamos aqui). Mas isso não basta, porque uma coisa é a intenção e outra é a comparação cerrada entre o que nós fazemos e o que ele diz, que exige o seguimento.

Isso se esclareceu de um modo evidente para mim quanto uma garota contou como levou a sério o capítulo X de *O senso religioso* e começou a fazer a comparação: era um espetáculo! Não era uma comparação genérica, “leio o capítulo e depois, no fundo, no instante seguinte, continuo a tomar como ponto de partida o que me dá na cabeça”, que é o que nós fazemos quando nos encontramos aqui depois de ter lido o capítulo; ela tinha realmente começado a fazer uma verificação cerrada entre a maneira como agia e o texto, e lia e relia para ver, para julgar, para fazer a comparação entre a maneira como tinha agido e o que Dom Giussani diz. E ela mesma ficava boquiaberta diante do que estava acontecendo, pois em pouquíssimo tempo tinha percorrido um caminho enorme. E eu me dei conta: quer dizer que nós, muitas vezes, pensamos que estamos seguindo porque temos a intenção de seguir, mas a intenção de seguir não é seguir, é um requisito para seguir, mas não é suficiente. Cada um deve tomar posição diante disso, porque, do contrário, todas as dificuldades que vimos não são superadas; apenas as remetemos para o futuro.

Seguir Dom Giussani é fazer uma experiência humana, ou seja, não apenas provar, mas emitir um juízo. E por que é que Dom Giussani insiste tanto conosco (que somos como todos os outros, empastados da mentalidade mundana como todo o mundo)? Porque percebe que só “a evidência da experiência”<sup>27</sup> pode nos convencer, pode nos ajudar a entender uma outra forma de agir e a não percebê-la como estranha a nós, como se para seguir alguém tivéssemos simplesmente de arrancar a nossa liberdade e a nossa razão. Não. Somente se enxergamos a evidência que aparece na experiência podemos nos surpreender dizendo: “Isso, sim, é humanamente conveniente para mim; isso, sim, é razoável fazer; isso, sim, é que me corresponde”. Do contrário, como sempre acontece, mantemos

<sup>27</sup> Giussani, L. *L'avvenimento cristiano. Uomo Chiesa Mondo*. Milão: Bur, 2003, p. 56.

a intenção de seguir, mas a nossa mentalidade é a de todo o mundo: temos a intenção de seguir Giussani, mas a mentalidade é a mesma de todo o mundo, e temos uma montanha de indícios disso (desde o caso Eluana Englaro até todos os problemas que apareceram nestes dias de confronto, e que são comuns a todos os continentes).

3. Ontem, um de vocês me disse: “Muitos dos nossos amigos não são definidos pelo encontro que fizeram: o lugar a que ‘pertencem’ originalmente e a mentalidade que já tinham define mais o eu deles que o encontro que fizeram”. Dentro desta nossa dificuldade para compreender a necessidade do juízo aparece algo mais profundo, que é uma concepção de fé pela qual esta, apesar de tudo, não é uma experiência, não é uma experiência capaz de incidir. Às vezes, tenho a impressão de que é como se almejássemos que a fé fosse algo semelhante a uma transfusão de sangue, em que o eu fique de fora, algo mecânico. Mas isso é contrário à primeira aula de Dom Giussani! E imaginem a todas as aulas que vieram em seguida! Ou seja, não basta nem mesmo estarmos juntos, não basta a lógica de grupo, porque, como mentalidade, pertencemos a outro lugar.

Então – dizia eu no prefácio que escrevi para *Qui e ora*, citando Dostoiévski –, nessa situação podemos entender a grandeza da pergunta: “Um homem culto, um europeu de nossos dias pode crer, crer realmente, na divindade do filho de Deus, Jesus Cristo? Talvez ninguém tenha apresentado de um modo mais sintético e peremptório que Dostoiévski, em *Os irmãos Karamazov*, o desafio diante do qual se encontra o cristianismo na modernidade. Dom Giussani teve a coragem de medir forças com esse desafio histórico, radicalizando-o, se possível. De fato, Dom Giussani aposta tudo na capacidade de sua proposta educativa de gerar um tipo de sujeito cristão para quem, ‘mesmo que todos fossem embora – todos! –, quem possui essa dimensão de consciência pessoal (gerada pela fé) não pode deixar de começar tudo de novo sozinho’<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Carrón, J. “Passare da una logica di gruppo a una dimensione di coscienza personale”. In: Giussani, L. *Qui e ora (1984-1985)*, cit., p. I. Publicado em português em: Carrón, J. “Presença, aqui e agora”. Trad. Durval Cordas. In: *Passos Litterae Communionis*, nº 108, setembro de 2009, p. 4.

Essa consciência pessoal, essa dimensão de consciência pessoal pode ser descrita como a consciência de pertencer, de pertencer a Cristo. É evidente para Giussani que, se acontecesse o que ele diz – que todos fossem embora –, ninguém poderia apoiar-se numa lógica de grupo. Se a pessoa ficasse sozinha, para poder enfrentar esse desafio precisaria da “passagem da lógica de grupo para a dimensão de consciência pessoal como pertencer”<sup>29</sup>. Pois nós, muitas vezes, em determinados lugares, somos obrigados a começar do princípio sozinhos, ou temos de estar no trabalho sozinhos, ou temos de enfrentar uma série de situações sozinhos; mas será que a pessoa, aí, fica de pé, ou temos de carregar o grupo sempre conosco? É possível gerar uma criatura nova, que tenha uma consciência que nasce do encontro que fez, um sujeito cristão capaz de recomeçar do princípio?

Dom Giussani, que tem tanta consciência do desafio histórico e tanta consciência de nossas reduções da experiência e de nossas reduções da fé – pois essa é a questão –, desafia todas essas resistências (daquela época e de hoje) com o termo “experiência”, para rerepresentar o cristianismo em sua originalidade, em sua natureza, em seus aspectos elementares. Por meio da palavra “experiência”, são afirmados e defendidos os elementos essenciais do cristianismo e da fé, contra a redução fideísta-espiritualista e ética.

Como vimos, o ponto de partida da fé é um acontecimento, o encontro com um fato objetivo; não uma doutrina, uma cultura abstrata ou um passado, mas uma presença real, aqui e agora, um fenômeno de humanidade diferente, que é o único que corresponde à natureza do que aconteceu no início. Pensemos em como Dom Giussani nos remete constantemente àquele que será para sempre o cânon do que o cristianismo é: o encontro de João e André. O que eles viveram foi uma experiência porque puderam dizer: “Encontramos o Messias”<sup>30</sup>. Deram um juízo diante daquela excepcionalidade. Há uma aparente desproporção entre o que acontece e esse juízo de excepcionalidade. Por que é possível dar um juízo tão depressa (como dissemos nestes dias diante das montanhas)? Porque, quanto

<sup>29</sup> Giussani, L. *Qui e ora (1984-1985)*, cit., p. 307.

<sup>30</sup> Jo 1,41.

mais é excepcional, mais fácil é dar esse juízo de excepcionalidade; porque, quanto mais é excepcional, mais vêm à tona todas as exigências da minha razão, da minha liberdade (de beleza, de verdade, de justiça), para captar essa excepcionalidade. Justamente porque o cristianismo é um fato objetivo tão excepcional diante de nós, e que exalta o eu, justamente por isso desencadeia toda a criticidade de que falávamos nestes dias, toda a capacidade da razão. É precisamente essa exaltação da razão e da liberdade que demonstra a existência da excepcionalidade (diante do que não é excepcional eu não me perturbo, não nasce nem uma ruga). Em outras palavras, algo se demonstra excepcional porque me move, me agarra e me leva, facilita o juízo para mim, ou seja, exalta o meu eu, pois – e isto é impressionante – o interlocutor dessa excepcionalidade é o coração, não o que eu penso, a minha cultura, as minhas ideias ou tudo o que eu sobreponho, ou seja, a minha confusão. Nada pode impedir o diálogo, o desafio que essa excepcionalidade provoca no coração, eliminando-o por completo. Se não fosse assim, seria inútil estar aqui; teríamos de nos resignar a não poder sair dessa situação.

Olhar para o que aconteceu em nós durante estes dias é o que poderá nos convencer da chance que temos, ou seja, de que é possível a geração de um sujeito próprio se cada um é leal ao acontecimento que lhe permite fazer essa experiência. Essa Presença excepcional interpela o coração, provoca-o, desafia-o, mobiliza toda a nossa humanidade, põe-na em jogo, compromete a nossa razão até o ponto de exigir um juízo de nossa parte. Artificioso seria detê-lo. Sem esse juízo, o encontro não se pode tornar experiência nossa, a adesão da fé não pode ser razoável. “Com efeito, o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé*.”<sup>31</sup> Expresso de uma forma mais teológica: “A fé é o ‘reconhecimento’ de que Deus se tornou fator da experiência presente. Enquanto ‘reconhecimento’, é um ato

<sup>31</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*, cit., p. 90.

da razão, um juízo, não um sentimento ou um estado de espírito. A fé representa a realização da razão humana<sup>32</sup>, tornada possível pela presença contemporânea de Cristo, que se torna experimentável por intermédio de uma realidade humana.

Se não é um juízo, a fé é um espiritualismo ou um sentimentalismo. É uma fé, no fundo, sem motivos adequados, ou seja, não é humana, e fica bem claro que não é humana porque logo cai por terra, não me determina, não incide, porque o meu posicionamento original (a minha tradição religiosa, familiar, cultural ou da tribo) é mais decisivo que a fé. No fim das contas, não existe a possibilidade de um sujeito diferente. Não é que essa excepcionalidade toca você e o deixa como era antes, mas desperta em você todas essas exigências e facilita-lhe o reconhecimento. Por isso, o juízo é o ponto-chave da experiência: essa excepcionalidade foi capaz ou não de despertar o eu com toda a sua capacidade, para chegar até o juízo? Assim, percebemos claramente que não basta a testemunha, mas, ao mesmo tempo, o eu não pode chegar até aí sem a testemunha. Testemunha e juízo não podem ser postos em contraposição, pois a prova dos nove é que a testemunha me desperta (e nisso está toda a concepção autenticamente católica da fé): ou a presença de Cristo é capaz de despertar o eu e de pôr em movimento toda a capacidade humana, para gerar uma criatura nova, ou há em nós simplesmente uma afirmação de Cristo pela qual Ele, mesmo sendo constante e insistentemente afirmado, continua incapaz de mudar o eu. Podemos ver aqui a incidência frequente de uma certa mentalidade protestante. Se a fé não é católica, se não está de acordo com a perfeição que coincide com a natureza do acontecimento tal como este se deu, é inútil, ou seja, podemos ir para casa e não perder mais tempo. É aí, portanto, quando a pessoa percorre esse caminho, que ela registra a conveniência humana, a correspondência desse acontecimento a sua humanidade. Mas nós, mais uma vez, podemos estar diante de fatos imponentes e não caminhar, e no final é como se tudo isso de nada servisse, pois não faz o eu crescer.

<sup>32</sup> Giussani, L.; Alberto, S.; Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 32.



4. A prova da fé (essa experiência humana em que o eu inteiro está implicado e envolvido) é a memória. Quero terminar com o olhar de todos nós voltado para esta grande passagem da Escola de Comunidade: “João e André tinham fé, porque tinham certeza de uma Presença experimentável: quando estavam lá, primeiro capítulo de São João, sentados na sua casa, aquela noite, olhando-O falar, era uma certeza de uma Presença experimentável de uma coisa excepcional, o divino numa Presença experimentável. Depois – acrescento – foram para suas casas dormir: André voltou para sua mulher; João, para sua mãe. Voltaram às suas casas, comeram nas suas casas, dormiram nas suas casas, levantaram-se, foram pescar junto aos outros companheiros. Aquilo que tinham visto na tarde anterior dominava a sua cabeça: sim ou não? Sim. Eles O viam? Não. Mas o homem experimenta, faz a experiência de uma presença, não somente quando a toca, nariz com nariz; aliás, este modo de querer experimentar uma presença normalmente funda uma coisa inútil, funda um relacionamento que não dura – como entre todos os rapazes e as moças –, mesmo quando existe, não existe. Pelo contrário, entre o dia anterior e o meio-dia, quando voltaram para casa com as barcas cheias de peixe e se colocaram lá na praia e de novo falavam do dia anterior, o segmento que coloca em relação o dia anterior e o dia depois chama-se memória, e a memória é a continuidade da experiência de um presente, a continuidade da experiência de uma pessoa presente, de uma presença que não tem mais as qualidades e o caráter imediato de quando uma pessoa segura o nariz de outra e puxa, puxa, puxa, ou então segura os cabelos e puxa os cabelos, como as crianças fazem com a mãe; aquele caráter imediato não determina de fato a profundidade e a segurança do relacionamento. Mesmo que não o tivessem visto por três semanas, o desejo predominante daqueles dois era o de reencontrá-lo, porque era claro que era Ele, que Ele era Ele; não sabiam quem fosse, mas era Ele. A memória é a consciência de uma Presença. A respeito dessa Presença é preciso distinguir o seu começo da sua continuidade. Quando começou, viam-se os cabelos, e, sendo que havia vento e os cabelos caíam

sobre os olhos, instintivamente a pessoa puxava os cabelos para o lado. Mas no dia seguinte não havia mais o vento e não tinham à sua frente aquele rosto, e mesmo assim era presente, e depois de uma semana aquela Presença ainda era presente, e depois de um mês era ainda presente; se tivessem vivido três anos sem revê-lo, toda a sua vida teria sido dilacerada pelo desejo de rever os cabelos agitados pelo vento: mas aquele era Ele, uma segurança absoluta. O último [...] pensamento que teria vindo à mente daqueles dois, se não O tivessem mais visto por seis meses, teria sido a dúvida de que tivesse sido uma ilusão. Não teria nunca vindo à mente deles que tivesse sido uma ilusão: alguém que O viu assim... impossível que isto viesse à mente [alguém que fez uma experiência como essa... impossível: se nos vem à cabeça que seja apenas uma ilusão, é porque não fizemos essa experiência]. Em vez d'Ele com os cabelos ao vento, em vez de olhá-Lo falar com a boca que se abre e se fecha, Ele chega até você através das nossas presenças, que somos como que as máscaras frágeis, a pele frágil, as máscaras frágeis de algo potente que é Ele e que está dentro, que não sou nem eu, nem você, nem ele, e mesmo assim passa através de mim, passa através de você, passa também através dele, e as coisas de hoje ninguém as diz a você. Não são minhas, são d'Aquele que André e João, naquela tarde, estavam lá a olhar falar; falava, e falava, e, vencendo assim o tempo e o espaço, falou hoje a você; e lhe falará depois de amanhã e daqui a dez anos"<sup>33</sup>.

<sup>33</sup> Giussani, L. *É possível viver assim?* Trad. Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, pp. 256-258.